

Martin L. West, *Crítica textual e técnica editorial aplicável a textos gregos e latinos*, trad. A.M.R. Rebelo, (Manuais universitários) Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2002, 214 pp.; ISBN 972-31-0940-9 [ed. original: *Textual Criticism and Editorial Technique*, B.G. Teubner, Stuttgart 1973]

Robert B.C. Huygens, *Ars edendi. Introduction pratique à l'édition des textes latins du Moyen Âge*, Traduction par l'auteur d'après l'original anglais, Brepols, Turnhout 2001, 84 pp.; ISBN 2-503-51169-4 // *Ars Edendi. A Practical Introduction to Editing Medieval Latin Texts*, (Brepols Essays in European Culture) Brepols, Turnhout 2000; 80 pp.; ISBN 2-503-51162-7.

Pensar que é indiferente a edição pela qual se estuda um autor antigo ou medieval, ou mesmo moderno, é um erro que ninguém comete. Já é menos certo que se saibam utilizar com o mesmo bom senso e de modo generalizado as diferentes edições com os textos e paratextos que oferecem. Mais distante está ainda o conhecimento necessário para editar um texto, isto é restituir de modo rigoroso e claro o que um autor escreveu. Estes dois pequenos livros oferecem-nos justamente as informações relevantes não só para editar textos

criticamente, mas também para se aprender a lê-los com perícia. Podemos até dizer que a maioria dos leitores prováveis destas obras não serão editores de textos, mas os que necessitam de um conhecimento básico sobre a sua confecção, por variadas necessidades de estudo.

Escritas em épocas e com fins completamente diversos as duas obras apresentam preciosas indicações práticas sobre a edição e leitura de textos.

A obra de Martin West, preparada como modelo editorial para a famosa Teubneriana, uma colecção de edições críticas de textos antigos gregos e latinos, foi pensada em particular para textos de uma época para os quais já existem textos editados criticamente, mas que se espera sejam aperfeiçoados em novas edições. Por isso a terceira parte contém exemplos de edição com obras de Hesíodo, “Hipócrates”, Esopo, *As memoráveis*, Catulo, Ovídio, Apuleio, onde se discutem em particular famílias textuais, variantes e conjecturas de restituição do texto do arquétipo (pp. 137-201). A primeira parte contém uma abordagem teórica dos trabalhos preparatórios de edição e aí encontramos lições úteis quer para o estudo directo das tradições manuscritas, que o Autor organiza em dois momentos, precedidos de uma descrição genérica sobre as condições e contingências da transmissão textual manuscrita e as muitas causas de erros e ou de variações textuais, trata-se, pois, de analisar a “organização dos dados” a partir de uma avaliação da qualidade dos testemunhos e do estabelecimento das respectivas afinidades e dependências (cfr. I.1, pp. 7-35). A primeira tarefa do editor é então a “Organização dos dados” (I.2, pp. 35-57), sendo certo que os textos em testemunho único colocam problemas específicos, o autor centra-se nos textos com vários apógrafos, dos quais é possível e necessário estabelecer um esquema de famílias em geral de forma arborescente (ou *stemma codicum*, árvore dos códices), a partir de evidências internas (texto) e externas (os próprios manuscritos), mostrando como estes se podem organizar em “*recensio* fechada”, quando são nulos ou negligenciáveis os fenómenos de contaminação, e “*recensio* aberta”, quando são constatadas variantes que não se encontram relacionadas nem permitem reconstituir um arquétipo. O Autor fornece uma série de reflexões e conselhos particularmente interessantes sobre o modo de lidar “com os erros”, como identificar ou determinar um hiperarquétipo ou arquétipo, como ultrapassar a impossibilidade de estabelecer um *stemma* e que passos dar, a partir de tentativas e erros, para classificar manuscritos e integrá-los numa árvore que permita «reduzir ao mínimo o número de manuscritos que devem ser referenciados como testemunho da tradição» (p. 52). Não sendo este o único método possível para a comparação de apógrafos, o autor expressa o seu cepticismo face aos métodos estatísticos, devido aos seus limites quanto à clareza de resultados. A segunda tarefa prévia é a “Diagnose” (I.3, pp. 57-72), com o objectivo de «estabelecer o que escreveu o autor originariamente», o que implica optar entre variantes, ou corrigir o próprio texto por conjectura ou adopção de emendas já propostas. Estamos aqui no interior de um problema filológico, literário, histórico mas também epistemológico, porque do que se trata é de

determinar «a lição verdadeira». A própria expressão é problemática, embora o Autor a use sem grandes necessidades de teorização (cfr. pp. 52, 54, 55, 58, 98; usa também a expressão “verdade integral”, p. 152), mas descrevendo os processos analíticos ou de comparação de variantes com uma linguagem de pretensão quantitativa, mas apenas ao nível metafórico, quando explica a “lei” «os manuscritos devem ser pesados e não contados» (p. 60 e seg.), oportunidade para discutir critérios de opção pela lição *facilior* ou pela *difficilior*. Daí que, após a comparação de lições, tenha como consequência a reconstrução do arquétipo, ou *emendatio*, conjecturando lições que não estão presentes em qualquer dos testemunhos (cfr. pp. 64-72). O trabalho do editor de texto é pois uma arte, uma arte clínica: «o crítico textual é um patologista», assevera Martin West (p. 69), que alerta ainda nas páginas a seguir sobre os perigos, limites e erros mais habituais da conjectura. Reconstruído criticamente o texto, vem então a preparação da sua edição de um modo que dê conta ao leitor de modo rigoroso e com de toda a massa de factos textuais coligidos e conjecturados, assunto a que é dedicada toda a segunda parte (pp. 79-132). Primeiro a *digestão*, o lento trabalho de reflexão sobre o que publicar, com recurso a novos instrumentos de análise como por exemplo as concordâncias. Depois a *apresentação*, ou distribuição por várias partes de tudo o que o editor finalmente considera relevante para a restituição e compreensão do texto: a introdução, o texto no corpo da edição, os aparatos, índices.

Este manual apresenta alguns limites, mais evidentes para o editor crítico de textos. De um ponto de vista prático é pouco adaptado a edições de textos medievais, pois o autor escreve pensando em obras de que já existem edições. Alguns aspectos estão também datados, uma vez que a edição original foi publicada num tempo (1973) em que não existiam os recursos hoje disponíveis e necessários no trabalho de edição. É mesmo anterior ao tempo das “fotocópias” (cfr. p. 85, sobre fotografias e microfímes) ou das novas formas de acesso a imagens digitalizadas dos manuscritos, para já não falar da então ainda pouco utilizável informática (pp. 92-93), ao passo que computadores e processadores de texto são hoje indispensáveis. O mesmo se diga quanto à relação com a tipografia, pois o autor aconselha sensatamente que o manuscrito seja entregue em versão legivelmente dactilografada em papel (pp. 130-seg.), enquanto que hoje as grandes casas editoriais exigem que o livro seja entregue pelo autor em suporte informático, senão mesmo já paginado e pronto para impressão!

No resto, as propostas metodológicas de West, apesar das opções pessoais em determinados aspectos técnicos, mantêm-se válidas e instrutivas. Tal como a conclusão que aponta para a necessária flexibilidade do editor perante o texto a editar, adequando-se às suas condições particulares. Dado o seu conteúdo e por ser um clássico do género, compreende-se a decisão da Fundação Gulbenkian de incluir esta obra, apesar de tudo antiga, no seu acervo de traduções de manuais de grande qualidade científica.

Releva de um modelo expositivo diverso o recente livro de Rober Huygens. Dele foram publicadas em simultâneo o original inglês e a versão francesa, que divergem pela nota 3*, presente apenas na versão francesa. O que aqui se lê não é um manual mas uma reflexão pessoal sobre os problemas práticos da edição de textos latinos medievais. O Autor apresenta a sua obra com o modesto fim de servir de guia prático para aqueles que desejam editar textos mas carecem de experiência (p. 7), escreve-a com elegância e humor, argumentando com erudição e sabedoria caldeada numa longa experiência de editor de textos medievais, entre os quais diversos anónimos e Guilherme de Tiro, Berengário de Tours, Pedro de Blois, Guiberto de Nogent, todos publicados na prestigiada colecção *Corpus Christianorum*. O fio da exposição releva mesmo de um desafio prático lançado ao leitor: ajudá-lo a descobrir se está de facto preparado para se tornar um editor de textos (p. 11). Por essa razão o livrinho, escrito como um único capítulo, está muito bem argumentado com exemplos sobre as diferentes etapas da preparação de uma edição, desde a disponibilidade psicológica até ao produto final, passando pelos saberes preparatórios, as questões de atribuição, a busca e exame de manuscritos, a colação de variantes, os métodos de análise e organização do *stemma*, a correcção do texto, a apresentação final (adopção de critérios gráficos, aparatos, usos de convenções, notas, índices, introdução, mesmo a correcção de provas). Não há aspecto sobre o qual se não encontrem aqui sensatos conselhos, não se abdicando de um constante apelo ao rigor, pelo que a obra é um exemplo de sobriedade científica e de riqueza metodológica. A leitura da obra é um prazer verdadeiro e instrutivo.

O que são, então, edições críticas? Huygens propõe que são «edições que, baseadas numa tradição manuscrita tão abundante quanto possível e sobre a avaliação rigorosa do valor dos diferentes ramos e lições, têm por fim reconstituir o estado do texto mais recuado — o que não é a mesma coisa que a sua origem: seu autor» (p. 40). A dilucidação da definição é justamente o tema de longas páginas, acima sumariadas de modo excessivamente superficial. Preparar edições críticas é uma tarefa muito exigente (cfr. p. 75), mas, devemos acrescentar que estudar por edições críticas, dada a sua complexidade, exige também treino, sagacidade e prática analítica.

A leitura destes dois livrinhos é particularmente útil (vejam-se os respectivos e utilíssimos índices temáticos) não apenas para os candidatos a editores de textos completos. O de West, embora datado, recomenda-se pelo seu carácter de manual, o de Huygens é uma leitura indispensável para qualquer medievista, pela sua extremada sabedoria e humor. Dos exemplos ponderados e rigorosos que fornecem, também pode extrair lições e conhecimentos indispensáveis qualquer editor de excertos de textos (por exemplo na sua descrição em catálogos), assim como qualquer leitor de edições críticas, ou quem apenas precisa de citar textos em grego e latim e pretende fazê-lo de modo rigoroso. Aprender com estes conselhos evitaria que cometêssemos tantos erros dispensáveis.

J.F. Meirinhos